

Uma voz indígena contra o abuso da razão

Una voz indígena contra el abuso de la razón

An indigenous voice against the abuse of reason

AUTOR

João Rodrigo
Araujo Santana*

joaorodrigoa@
hotmail.com

* Doutorando em
Ciências Sociais pela
Universidade Federal
da Bahia (UFBA,
Brasil). Professor da
Universidade Estadual
de Feira de Santana
(UEFS, Brasil).

Krenak, Ailton. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

RESUMO:

Importante ativista e liderança indígena, Ailton Krenak reúne no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* palestras e entrevista realizadas por ele em Portugal entre os anos de 2017 e 2019. Nesse livro ele analisa a crise ambiental e civilizatória vivenciada atualmente, bem como aponta saídas para os dilemas do antropoceno assentadas nas cosmovisões indígenas e de outros povos tradicionais. Uma voz importante para ser lida e ouvida e cujas ideias representam também uma relevante contribuição para a antropologia.

RESUMEN:

Importante activista y líder indígena, Ailton Krenak reúne en el libro *Ideas para posponer el fin del mundo* entrevista y conferencias impartidas por él en Portugal entre los años 2017 y 2019. En este libro analiza la crisis ambiental y de civilización que vivimos actualmente, y apunta salidas para los dilemas del antropoceno basadas en cosmovisiones indígenas y de otros pueblos tradicionales. Una voz importante para ser leída y escuchada y cuyas ideas también representan una contribución relevante a la antropología.

ABSTRACT:

Important activist and indigenous leadership, Ailton Krenak brings together in the book *Ideas to postpone the end of the world* lectures and an interview carried out by him in Portugal between the years 2017 and 2019. In this book he analyzes the environmental and civilization crisis currently experienced, as well as points out ways to the dilemmas of the anthropocene based on indigenous worldviews and other traditional peoples. An important voice to be read and heard and whose ideas also represent a relevant contribution to anthropology.

Importante liderança indígena com histórica atuação na luta em defesa dos povos originários do Brasil, Ailton Krenak foi protagonista de um momento marcante da assembleia constituinte quando, em 1987, em meio ao seu discurso em defesa da inclusão dos direitos indígenas na carta constitucional, pintou seu rosto de preto-jenipapo. Aquele momento foi emblemático, ao mostrar para a sociedade brasileira, bem como para os constituintes, que os povos indígenas estavam empenhados e mobilizados na luta por seus direitos. Resultado dessa mobilização, na qual diversas etnias marcharam para Brasília e se fizeram ouvir em meio ao processo constituinte, foi a inclusão na carta constitucional de diversos dispositivos que visam a defesa da vida, da cultura e dos territórios indígenas.

Atualmente Ailton Krenak é uma voz reconhecida e respeitada, não somente como defensor da causa indígena e ambiental, mas também como um pensador crítico dos dilemas civilizatórios que a humanidade atravessa. Ele vem sendo uma presença constante em diálogos ao redor do mundo, nos quais vem reafirmando a pluralidade de povos e culturas existentes na terra, bem como apontando saídas civilizatórias que têm como cerne a construção de uma relação saudável e sustentável entre homem e natureza.

É justamente isso que ele faz nesse livro, como o próprio título indica. Trata-se de um livrinho de bolso, com poucas páginas, de fácil leitura, mas com argumentos poderosos, lucidez de análise, e crítica contundente ao momento atual do mundo. A crise, como falado, é civilizatória, com dimensões ambientais, políticas e sociais. As desigualdades aumentam pelo mundo, e os novos desenvolvimentos tecnológicos promovem uma superexploração do trabalho, disfarçada por sob o manto da autonomia e do empreendedorismo. O desemprego, não mais funcional, é estrutural, condenando uma massa de indivíduos a uma existência alijada de qualquer relação formal de trabalho, bem como de seus respectivos direitos. A democracia se torna um valor questionável pelas diversas tendências políticas de ultradireita que emergem, alimentando tendências xenófobas, cerceando a liberdade de expressão e mostrando indiferença a violações de direitos humanos. E no plano ambiental a humanidade continua a colocar em marcha uma política de desenvolvimento insustentável, marcada por uma excessiva exploração dos recursos naturais, e por uma elevação dos níveis de poluição, o que tem provocado mudanças climáticas imprevisíveis, bem como reduzindo a biodiversidade do planeta. É mesmo o fim do mundo que se anuncia, e por isso a importância de ler e ouvir Ailton Krenak. Neste poderoso livro ele lança ideias que, se e quando aplicadas, podem anunciar um novo mundo, mais harmônico, solidário e sustentável.

Uma das razões para a crise atual está no modo de pensar moderno-ocidental, que concebe homem e natureza como apartados um do outro, o primeiro com o dever de conhecê-la e explorá-la, o segundo como uma fonte inesgotável de recursos, que deve ser explorada mesmo que na ausência de uma demanda por consumo, mesmo que inexista um tempo necessário para que a natureza possa se renovar. Essa forma de existência tem nome, o antropoceno, a era atual da humanidade marcada por transformações naturais resultantes das marcas que a humanidade vem deixando na terra. No dizer de Krenak, o antropoceno seria a própria crise civilizatória: “o desastre do nosso tempo” (Krenak, 2019, p. 72), “um abuso do que chamam de razão” (Krenak, 2019, p. 19).

Neste livro, chama atenção o autor para as formas de (re)existência de diversos povos tradicionais ao redor do mundo, que têm em comum a organicidade: são povos que “não consegue[m] se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra” (Krenak, 2019, p. 48). O existir deles - sejam quilombolas, indígenas, aborígenes, camponeses, ribeirinhos - é uma resistência na medida em que vai na contramão da tendência moderna de “separar esses

PALAVRAS-CHAVE

**Antropologia;
antropoceno;
povos indígenas;
crise ambiental;
desenvolvimento
sustentável.**

PALABRAS CLAVE

**Antropología;
Antropoceno;
pueblos indígenas;
crisis ambiental;
desarrollo
sostenible.**

KEYWORDS

**Anthropology;
Anthropocene;
indigenous
peoples;
environmental
crisis; sustainable
development.**

Recibido:
22/05/2020

Aceptado:
17/07/2020

filhotes da terra da sua mãe” (Krenak, 2019, p. 22). Por isso mesmo aponta, como caminho de saída para os impasses do antropoceno, a necessidade de valorizarmos a diversidade que há no mundo, com a presença de povos plurais que concebem de forma distinta aquilo que o vocábulo moderno-ocidental chama de “realidade”. Na “realidade” destas diversas formas de existir as pedras conversam, homens e animais compartilham de uma mesma “humanidade”, rios e montanhas são nossos pais, mães, avós. Não se trata de misticismo, superstição, alienação ou ignorância: trata-se de outras formas de pensar e existir, diferentes cosmovisões que a modernidade tratou de desqualificar e lutou para extinguir com sua marcha colonizadora, cosmovisões que somente poderemos considerar como uma verdade possível se nos deslocarmos e nos esforçamos para olhar e sentir o mundo a partir da perspectiva desses povos. Nessas outras perspectivas é que dormem as ideias para adiar o fim do mundo, justamente por essas cosmovisões zelarem pela integração existencial entre homem e natureza, e por isso mesmo pelo respeito do direito à vida dos outros seres.

Se o livro de Krenak é atualíssimo na sua crítica aos dilemas civilizatórios que atravessamos, aquele seu discurso na assembleia constituinte continua também terrivelmente atual. Nos últimos anos a questão indígena no Brasil sofreu retrocessos alarmantes, processo esse que foi coroado com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Se desde a campanha o então candidato à presidência já afirmava que em seu futuro governo novas demarcações de terras indígenas não seriam mais realizadas, desde que iniciou o seu mandato as ações de Bolsonaro contra os povos indígenas não se resumiram a esse veto. Para o ano de 2020 o governo federal programa um corte de quarenta por cento no orçamento da Fundação Nacional do Índio (Funai), e ademais o presidente questiona a política de isolamento dos povos indígenas, afirmando o objetivo de promover a integração dos índios à sociedade brasileira. A bem da verdade, o Brasil vivencia hoje o primeiro governo eleito democraticamente que, de forma deliberada, vem descumprindo princípios que, garantidos na constituição, visam a defesa e proteção dos povos indígenas. Não por menos, o atual governo está empenhado em abrir áreas da Amazônia para o desenvolvimento comercial, com destaque para as atividades da mineração, agricultura e pecuária. Fazendeiros, madeireiros e garimpeiros interpretam as palavras e ações do presidente como um salvo conduto, e assim, desde 2019, esses grupos vêm promovendo desmatamentos e queimadas de grandes proporções na Amazônia, fato que inundou as manchetes internacionais e colocou o Brasil em evidência negativa no mundo. Invasores avançam sobretudo em áreas protegidas, com destaque para os territórios indígenas, promovendo conflitos e mortes. Em 2019 ao menos sete lideranças indígenas morreram no Brasil em conflitos por terra¹.

Ailton Krenak, assim como o yanomami Davi Kopenawa (2015), são dois indígenas que, através do contato com o mundo ocidental, buscam traduzir as visões de mundo e cosmologias indígenas. Fazem movimento semelhante, contudo, em direção oposta, ao que antropólogos como Eduardo Viveiros de Castro (2018) e Philippe Descola (2016) realizam em seus escritos. Por isso ler Ailton Krenak é também entrar em contato com a teoria antropológica, contudo escrita na perspectiva indígena. O pequeno livro de Krenak tem o poder mágico de nos abrir para novos mundos, novas cosmovisões, nos convidando a olhar a realidade de uma perspectiva não ocidental. Mas aqui vale a ressalva dos antropólogos que citamos: não se trata de exercitarmos, mais uma vez, o relativismo cultural. Não se trata de considerarmos as cosmovisões indígenas como mais uma dentre muitas, com sua importância e valor cultural, ao tempo em que mantemos intocada e inquestionada a nossa cosmovisão moderno-ocidental. Como lembra Tim Ingold (2019), a função mais bela e importante do fazer antropológico é educacional: o entrar em contato com a alteridade tem o potencial de nos educar e nos fazer rever o nosso próprio mundo. Ver, ouvir e sentir o mundo do outro nos levar a aprender coisas que desconhecíamos, dada a cegueira do nosso próprio ponto de vista. A esse respeito acerta bem Viveiros de Castro (2018) quando afirma que a desenvolvimento da antropologia tem uma dívida impagável com os índios, já que foi a partir das suas cosmovisões que essa ciência pode alçar novos voos teóricos. A antropologia que faz Ailton Krenak é, assim, um convite para sair de si e repensar a si mesmo - e não para rever a si mesmo, como faz o relativismo cultural. Por isso a potência desse livro que, em poucas páginas, faz os agentes do antropoceno se repensarem e, quem sabe, reduzirem a sua marcha (des)civilizatória.

NOTAS

¹ Ver Londoño, E., & Casado, L. (2020). Enquanto Bolsonaro cumpre as promessas sobre a Amazônia, indígenas brasileiros temem um 'etnocídio'. *The New York Times*. Recuperado de [https://www.nytimes.com/pt/2020/04/19/world/americas/bolsonaro-brasil-amazonia-indigenas-funai.html]. Consultado [21-05-2020].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Descola, P. (2016). *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34.

Ingold, T. (2019). *Antropologia: para que serve*. Petrópolis: Vozes.

Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

Viveiros De Castro, E. (2018). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora.